

LIM, T. H. e COLLINS, J. J. (eds.).
The Oxford Handbook of The Dead Sea Scrolls.
Oxford: Oxford University Press, 2010.

Jonas Machado¹
Faculdade Teológica Batista de São Paulo

Este livro, que é uma coleção de artigos de vários especialistas de ponta, representa o que há de mais recente e de alto nível no campo das publicações sobre os “Manuscritos do Mar Morto”, hoje incluídos no conjunto chamado “Manuscritos do Deserto da Judeia”. Depois de mais de sessenta anos da data tradicional da primeira descoberta, 1947, a grande novidade é que todos esses manuscritos e fragmentos estão hoje publicados, disponíveis para os pesquisadores. Os mais importantes encontrados na primeira gruta, a caverna 1, estão agora inclusive disponíveis na internet, no endereço dss.collections.imj.org.il.

O livro em questão é editado por dois grandes especialistas no assunto, Timothy H. Lim da Universidade de Edimburgo e John J. Collins, este da Universidade de Yale e famoso especialista em judaísmo antigo.

O livro é o mais recente editado dentro da tradição de apresentar sínteses de tempos em tempos sobre o andamento das pesquisas nesse assunto. Entretanto, esse faz parte desta tradição e, ao mesmo tempo, destoa dela, pois procura apresentar artigos sobre os “não consensos” no campo das pesquisas sobre esses documentos retirados das 11 cavernas de Qumran encontradas até hoje.

Essa volumosa obra de 785 páginas contém 30 capítulos escritos cada um por um autor diferente que abrangem temas como arqueologia das ruínas de Qumran e sua relação com as cavernas e os manuscritos encontrados, as contribuições desses documentos para melhor compreensão do judaísmo e cristianismo antigos, as possíveis implicações para tradução e interpretação de textos bíblicos, entre outros.

Entre os referidos “não consensos”, por exemplo, há especial atenção à relação desses documentos com as ruínas de Qumran e também com os essênios mencionados principalmente pelos autores clássicos Josefo, Filo e Plínio. Esta relação triangular (manuscritos – ruínas – autores clássicos) ainda

é mantida como correta pela maioria dos estudiosos, que ficou conhecida como “Teoria Qumran-Essênios”. Todavia, o estado atual das pesquisas, com a publicação de todos os manuscritos e fragmentos, dá uma visão mais ampla da situação, e não permite mais uma relação tão simples como a sustentada até os últimos anos, isto é, de se contentar em afirmar que os manuscritos de mar morto eram textos essênios.

Por um lado, há os que desejam considerar com seriedade a possibilidade de que a comunidade de Qumran representava apenas parte dos essênios, talvez uma dissidência destes. Há ainda os que alertam que estereotipar o grupo por trás desses documentos de “seita” ou algo semelhante pode resultar numa ideia inadequada da situação real por trás do surgimento e preservação desses textos, como, por exemplo, a ideia de que o grupo e os documentos estavam totalmente isolados do resto do judaísmo.

Embora, de modo geral, a obra reconheça o consenso ainda prevalente da teoria Qumran-Essênios, mesmo que com sofisticções mais recentes, ela também considera o crescente questionamento da referida relação triangular. Já existiam os que entenderam que não havia qualquer comunidade por trás desses textos, mas que teriam sido trazidos de Jerusalém e depositados nas cavernas num momento de fuga da iminente invasão da cidade santa, que realmente acabou acontecendo ano 70d.C. Recentemente, entretanto, alguns arqueólogos judeus argumentaram que as ruínas de Qumran não foram residência de uma comunidade religiosa, pelo menos não do modo como vinha sendo considerado.

Outro exemplo de contribuição dessa obra é sobre como esses manuscritos podem ajudar uma melhor compreensão do judaísmo e cristianismo antigos. Por um lado, há um consenso geral hoje entre estudiosos de que esses documentos de Qumran tiveram uma contribuição decisiva para uma mudança radical a respeito de como se considerava o judaísmo do período de Jesus e seus apóstolos. Até então se considerava que teria existido um judaísmo monolítico, padrão, a se considerar os dados dos documentos do judaísmo rabínico posterior e do Novo Testamento, que eram as fontes básicas disponíveis. Esses manuscritos, entretanto, mostraram aspectos de um judaísmo muito mais multifacetado do que se supunha. O “não consenso”, porém, está em determinar que tipo de judaísmo esses documentos de fato representam, e qual era sua mais exata relação com a lei, com o sacerdócio e o templo de Jerusalém. Uma questão básica aqui é se, de fato, devemos considerar que o grupo por trás desses documentos teria rejeitado completamente o sacerdócio e o serviço do templo.

Sobre a relação dos textos qumrânicos com o cristianismo, um dos temas mais discutidos e polêmicos nos primeiros anos após a descoberta, também há consensos e “não consensos”. De fato, há consenso de que não há nenhuma evidência de qualquer relação direta entre Jesus e João Batista com o grupo por trás desses documentos, algo que foi pressuposto logo nos primeiros anos do descobrimento. Teorias mais radicais como aquelas que sustentavam que os manuscritos eram textos cristãos primitivos estão descartadas como insustentáveis. Mas, entre os “não consensos” está a discussão sobre a contribuição desses textos para melhor entendimento das origens da cristologia neotestamentária. Uma vez que os textos de Qumran apresentam uma angeologia desenvolvida que fala de hierarquia de anjos e anjos principais, e até mesmo incluem a divinização de seres humanos, ao mesmo tempo em que são textos judaicos monoteístas, se discute as possíveis relações com a cristologia apresentada no Novo Testamento, e se questiona a sua originalidade.

Enfim, esses são apenas alguns exemplos de como essa obra, de modo magistral, coloca o leitor a par da atual situação das pesquisas em torno dos famosos Manuscritos do Mar Morto. A interação sobre o andamento das pesquisas nesse campo por parte do pesquisador obrigatoriamente terá que incluir esse livro em sua bibliografia.

¹ Esta resenha faz parte do projeto de pos doutorado em História Antiga desenvolvido pelo autor na Unicamp, com estágio na Universidade de Oxford, Inglaterra, e Israel, com apoio da Fapesp em forma de bolsa de estudo.